

Juventude e educação: transgressão, valores e relações interpessoais na escola¹

Paulo Sergio Barros²
Francisca Valdelice Araújo do Vale³

Ensinamos apenas o aluno a ser um indivíduo adaptado à sociedade,
mas ele também precisa se adaptar aos fatos e a si mesmo.

Edgar Morin

A problemática das relações humanas no âmbito áulico tem sido uma temática de muitas reflexões e estudos por parte de pesquisadores e educadores. Compreender esse processo implica em modelos de convivência que pressupõe determinados valores, formas de organização, sistemas de relação, normas para resolver conflitos, modos de expressar os sentimentos, formas linguísticas, expectativas sociais e educativas etc. (JARES, 2008). Por essa razão, a educação fundamentada em valores humanos é primordial para uma convivência humanizada como uma forma de lidar com a banalização de múltiplas formas de violência no contexto escolar.

Neste texto partimos da reflexão sobre o conceito de transgressão estudantil, estudado pelo psicólogo argentino Félix Temporetti. Entendemos que o termo está relacionado à diversidade de expressões de violência, de transgredir e de opor-se à ordem escolar, percebendo o fenômeno como uma prática habitual na escola. Nesse sentido, procuramos, neste artigo, analisar a situação em nossos contextos laborais. Assim, o

¹ Texto publicado em MATOS, K. S. L. (Org.) *Cultura de Paz, Educação e Espiritualidade III* (1. Ed., pp. 25-38). Fortaleza: EdUECE, 2016. ISBN: 978-85-7826-437-6.

² Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará, Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco e Doutorando em Humanidades, Artes e Educação na Universidad Nacional de Rosario, Argentina. É professor da Secretaria de Educação do Ceará e voluntário das organizações internacionais Brahma Kumaris e Vivendo Valores na Educação (Living Values Education) e pesquisador no grupo de pesquisa Cultura de Paz, Juventudes e Docentes, da Universidade Federal do Ceará. Email: paulosbarros@ymail.com.

³ Graduada em Agronomia e Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará, Especialista em Gestão da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Doutoranda em Humanidades, Artes e Educação na Universidad Nacional de Rosario-Argentina. Professora da Secretaria de Educação do do Estado do Ceará e voluntária do Programa Vivendo Valores na Educação (Living Values Education). Email: valdelicev@yahoo.com.br.

interesse pela temática advém da nossa vivência como docentes com jovens e adolescentes em escolas públicas de educação básica⁴, assim como formadores nas áreas de educação em valores humanos e educação ambiental, a partir do que compartilhamos com muitos professores em cursos de formação sobre nossas vivências em escolas.

Entendemos que um dos desafios mais sensíveis dos professores nos tempos atuais é o comportamento inadequado dos estudantes na sala de aula. Quais são as causas? Há muitas variantes no âmbito dos debates e investigações que tentam explicar o fenômeno. Seja como for, é uma atmosfera cotidiana na qual os docentes têm que conviver. Emocionalmente, necessitamos estar preparados para o que Morin (2015, p. 93) denominou de uma *luta de classes* na sala de aula, na qual se expressa uma tripla humilhação, tripla incompreensão: a do aluno que humilha o professor, a do professor que humilha o aluno e do aluno que humilha o aluno. Morin (2002, p. 84) afirma que sempre haverá essa *luta de classe* entre os professores que dispõem do poder e o grosso dos estudantes que criam seu *underground* clandestino, realizando pequenas transgressões. Como forma de lidar com esse conflito, sugere o autor que é dever dos docentes educar-se acerca do mundo e da cultura adolescente.

É preocupante, em muitos casos, a situação de convivência em muitas escolas o que requer dos docentes adaptações e desafios metodológicos e relacional com estudantes jovens que em parte considerável, expressa apatia, desconcentração, desinteresse e a quase ausência de valores humanos em suas interações e atitudes.

Na escola, a violência assume uma multiplicidade de formas: ausência de diálogo, punição, rechaçamento do estudante como sujeito essencial da instituição e outras maneiras de “educar” que causam medo, vergonha, raiva etc. O que a escola, o currículo, os professores, a sociedade pensam e fazem para que os estudantes se sintam como protagonistas da escola; os valores que a sociedade desigual, exclusiva e competitiva e as políticas oficiais para a educação semeiam para a juventude seguramente no estão em sintonia com que desejam os jovens. Matos (2003, p. 136) ressalta a necessidade da

⁴ Escola Estadual de Ensino Profissional Maria José Medeiros e Centro de Educação de Jovens e Adultos José Walter, ambas em Fortaleza-CE/Brasil.

escola ser mais sensível a escolha do jovem, bem como “[...] transformar-se em um espaço mais agradável, que possibilite não apenas um aprendizado padrão, mas que seja sobretudo um local de encontro onde outros saberes floresçam, regados pelas vivências juvenis”.

Nessa *luta de classe*, incluei-se a contravenção como técnica de resistência e impugnação à cultura escolar. Temporetti (2005) usa esse termo para o contexto de crianças em escolas argentinas. Dialogamos com o conceito deste autor para refletirmos sobre a realidade da educação brasileira. Ainda que sejam estudantes de realidades socioculturais e faixa etária diferentes, pensamos que podemos usar a mesma perspectiva conceitual de Temporetti.

A relevância do tema se inclui na necessidade de atitudes educativas no sentido de converter a escola em um espaço com uma atmosfera de aceitação, diálogo, formação intelectual e humana. Nesta perspectiva, compreendemos, como disse Freire (1996), que a missão do educador não é somente transmitir o conhecimento, é também refletir e compartilhar sobre valores humanos em diálogo com a realidade social e os componentes curriculares. Ou seja, não se pode distinguir o ensino dos conteúdos da formação ética dos estudantes. Morin (2015) ressalta a ausência da *compreensão humana* nos sistemas educacionais, cujo ensino não compreende a alteridade e o conjunto da personalidade de cada indivíduo. Para compreender o outro, segundo Morin, é necessário compreender a si mesmo, exercitando o autoconhecimento, que é uma necessidade interna de todos nós. Vivenciar valores seminais ou “conteúdos de uma pedagogia da convivência” como propõe Jares (2008): o respeito, o diálogo, a solidariedade, a não-violência, o perdão, a felicidade, a esperança.

Contravenção juvenil e cultura escolar

Vivemos tempos sensíveis em todos os sentidos das relações humanas, e o ato de educar quiçá seja um dos mais relevantes e requer compreensão e atenção. Muitos professores usam grande parte de seu tempo e energia estudando, pensando, criando estratégias didáticas e metodológicas, assim como habilidades emocionais para tratar com uma

diversidade de sujeitos no âmbito escolar que competem de diferentes formas e se molestam mutuamente expressando sentimentos de raiva, de vingança e de medo.

Temporetti (2005, p. 1) compreende que os atos transgressivos,

[...] sejam com gestos, imagens e/ou palavras, adquirem, cada dia uma maior e melhor visibilidade reconhecendo-os já como componentes essenciais do acontecer educativo nesta paisagem pós-moderna ou, se preferem, neoliberal. Apesar desta presença quase habitual a investigação psicológica e pedagógica, assim como a formação docente pouco tem se interessado por estas questões.

Temporetti crê que a transgressão infantil, em muitos casos, “torna-se em violência manifesta sem ser toda ela violência, questiona a educação em seu núcleo essencial. Constitue uma “[...] mensagem que devemos reconhecer e a qual há que desvendar”. Para Temporetti, educação e transgressão formam parte de uma modalidade narrativa do pensamento que se pode categorizar como um pensamento para transgredir. É resultado de um “[...] complexo intercambio entre as crianças e a cultura narrativa”, onde as mesmas dispõem de uma “[...] grande variedade de gêneros discursivos e um amplo repertório de significados proibidos” como: epítetos injuriosos, insultos, cantos, contos, piadas, versos, diálogos, anedotas, fórmulas para divertir-se de amigos e de professores e outras formas verbais utilizadas para perturbar a ordem vigente e conseguir a diversão, a brincadeira, o insulto, o erotismo (TEMPORETTI, 2005, p. 1-3).

Nessa perspectiva, pensamos que entre os jovens, ocorre algo semelhante. Observamos que comportamentos semelhantes somados a comportamentos peculiares à nossa cultura juvenil são muito visíveis e criam muitos tipos de conflitos entre os estudantes e, não raro, entre eles e os professores. Com docentes, observamos conflitos explícitos, às vezes implícitos, invisíveis, que geram medo, danos, sentimentos de vingança, mentiras, críticas, comparações com outros professores, apelidos desrespeitosos, eufemismos y metáforas. Entre os estudantes, é algo mais explícito, quando se utilizam de diferentes maneiras para *divertir-se de amigos*, dizendo todo tipo de más palavras, grosserias e insultos.

Observamos também casos de furtos de objetos de colegas e até de professores também como uma forma de protesto pela desigualdade socioeconômica, vingança, rebeldia etc. É relevante o fato de uma grande tendência a negar e a embromar as regras estabelecidas pela escola: uniforme, puntualidade, não usar celulares durante as aulas etc. Algumas formas de transgredir essas normas é fugir da escola, destruir o patrimônio escolar, não trazer material didático para a sala de aula, descumprir com obrigações escolares dentre outras.

Entendemos que esses comportamentos podem ser analisados sob vários aspectos, dentre os quais estão: o rechaçamento das normas escolares das quais não fazem parte de sua constituição, a insatisfação com alguns temas curriculares e metodologias utilizadas pelos professores, bem como projetos escolares que não estão de acordo com suas expectativas. É fato que muitas vezes a escola nega a cultura jovem por não incluir os estudantes como protagonistas de suas decisões, ao criticar e não aceitar suas expressões culturais (música, artes plásticas, dança etc.). O que percebemos às vezes como rebeldia, desrespeito, é, na realidade, ausência de diálogo. É uma necessidade que os estudantes sentem de ser escutados, respeitados e aceitados. É um chamado ao diálogo, à virtude. Quem sabe implique “[...] reconhecer certas virtudes na transgressão” como afirma Temporetti (2005, p.3). Os discentes, como assevera a psicóloga Diane Tillman (2015) gostam de sentir-se escutados, respeitados, aceitos, compreendidos, amados e seguros.

Educação, diálogo e valores humanos

Vivenciamos situações, dilemas e conflitos que aos professores sempre lhes interessam saber ou perguntar qual é a via a seguir. Neste campo de conflitos de interesses opostos, de gerações e de ideias diferentes de aprendizagem, muitos autores propõem distintas soluções, ideia e ações. Diante do que temos reletido até aqui e de nossa experiência como docentes, entendemos que a questão pode ser observada desde os pontos de vista de alguns autores.

Flores (s/d, p. 5) recorre a Temporetti para propor o conceito de “negociação do significado” o qual “[...] expressa que a coordenação das intenções das pessoas constitui o processo de negociação e isso sucede mediante a educação”.

O problema maior para negociar, acordar ou consensuar, é que os participantes na interação educativa não estão em igualdade de condições, a assimetria é condição de possibilidade do ensino quanto a saberes, assim como a simetria é condição de possibilidade de ensino quanto a condição humana, e esta frequentemente não é assumida como tal por alguns docentes. Además ao dialogar se necessita reconhecer um metaprincípio ético, que consiste em que todos estejam interessados em escutar ao outro e entender seus argumentos ou razões e estejam dispostos a modificar as próprias ideias como resultado do diálogo ou conversação orientada ao entendimento. De tal modo, a “habilidade” para coordenar intenções ou negociar significados, deveria ser um conteúdo do ensino.

Flores (s/d, p. 7-8) se fundamenta no psicólogo Jerome Bruner (*El estudio apropiado del hombre*) sobre o aspecto ético da cultura, o qual explicita que ls valores são comunais, não são produto de individuos isolados. Segundo a autora, não fica claro o que Bruner chama “valores”, mas entende que se refere a seu significado no uso habitual popular. Conclui que ele se interessa nessa condição comunal dos valores no marco das problemáticas mundiais atuais e uma aposta esperançosa: “O único que cabe esperar é um pluralismo viável e respaldado pela vontade de negociar nossas diferenças na maneira de ver o mundo”.

O que propõem Flores e Temporetti nos leva a entender que há processos e vias de escape para o problema do conflito, da transgressão jovem no âmbito escolar. Contudo, como afirma Temporetti (2005, p. 4), temos que compreender que “[...] nem toda transgressão é violência” [e que] “não é possível uma educação autêntica sem alguma forma de transgressão”. Nesse sentido, podemos ver a transgressão também em Freire (1996), quando se refere à educação bancária, ressaltando o gosto que o estudante deve nutrir pela rebeldia face “ao poder apassivador do bancarismo”, que nos parece insistir nas mentes e nas práticas de muitos professores.

Temporetti (2005) postula ainda que a escola, os professores devemos recuperar a força e o poder da educação, e para isso o

instrumento fundamental que temos somos nós mesmos em “corpo e alma”. O uso da metáfora “corpo e alma” para referir-se aos professores e à escola para recuperar a força e o poder da educação é o que poderíamos chamar de nossos valores éticos, conforme Freire ou, segundo Tillman, valores humanos ou espirituais.

Freire (1996) faz menção à estética, à ética, ao respeito, à esperança, ao diálogo como valores ou virtudes que os professores não podem perder de vista. Sua ideia de diálogo se insere na acepção de educação como uma prática intersubjetiva, não como “uma rua de mão única” cujo rumo parte do professor ao estudante. Este último só obedece, aceita, não questiona. Não há uma aprendizagem dialógica. Acrescenta Freire (1996, p. 94), a propósito da relação ética e educação, que “[...] nunca foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. O ensino dos conteúdos implica um testemunho ético do educador”.

Estes fragmentos conceituais *freirianos* nos levam a perceber a importância dos esforços do educador que deve atuar com estética e ética; viver e atuar profissionalmente com o diálogo, com a esperança e com a tolerância. Há uma relação de poder já que os professores ensinam, mandam, proíbem desde uma posição hierárquica de poder. Os estudantes aprendem, obedecem, aceitam. Os atos de transgressão a esta educação autoritária são entendidos como violência, desrespeito e, por tanto, passíveis de punição. A educação, destaca Temporetti (2005, p. 6), “[...] se faz de acordo com ideais, normas e princípios. *Se educa desde um ideal de vida* que envolve uma ordem, uma estética e uma ética”, assim,

[...] o potencial criativo inerente à transgressão encontraria um cause mais humano em uma cultura do respeito mútuo que dê lugar à crítica e à autocrítica, tanto em sua qualidade de enunciado lógico como em suas conformações satíricas, burlescas e humorísticas. Tal cultura proporia como condição dos intercâmbios, aceitar ser impugnado e aprender também os meios de defesa e de contra-impugnação.

Outra via para compreender a situação é a que afirma Morin (2015) quando ressalta a ausência da *compreensão humana* nos sistemas educacionais, cujo ensino não compreende a alteridade e o conjunto das

personalidades de cada indivíduo. Para compreender o outro, segundo Morin, é necessário compreender a si mesmo, exercitando o autoconhecimento, que é uma necessidade interna de todos nós. Nesse contexto está a relação de transformação do sistema educacional e individual, o desenvolvimento da ética e autonomia pessoal e a ampla participação social e integração ao gênero humano, já que todos compartilamos um destino comum. Morin (2015) enfatiza que na escola o conhecimento deve ser pertinente aos desejos, expectativas e aos valores que os estudantes, os educadores e a humanidade devem ter com respeito a sua ação no planeta. Se “[...] não é possível uma educação autêntica sem alguma forma de transgressão”, é possível que estudantes e professores dialoguem mais, sejam mais pacientes, tolerantes e respeitosos.

Tillman (2015) propõe estabelecer primazia à espiritualidade (vivência de valores) como propulsora do sentido de educar. A autora se refere a importância de uma atmosfera de valores para que os estudantes desenvolvam habilidades de crescimento cognitivo, emocional e espiritual, e serem capazes de comprometer-se a levar com eles mesmos esses valores humanos em suas vidas. Um ambiente permeado por valores é efetivo e positivo para o desenvolvimento e a aprendizagem. Desperta nos estudantes, sentimentos de ser amados, respeitados, escutados, valorizados e seguros.

Entendemos que, com as ideias de Temporetti e Flores, pode-se estabelecer um diálogo com o que propõe Morin, Freire e Tillman. É claro que são pensamentos diferentes, analisam realidades distintas, são provenientes de campos do conhecimento que se distanciam e se aproximam. Por isso, em muitos momentos suas ideias se entrecruzam. Uns mais próximos, outros mais distantes, como nos parece os conhecimentos que tratam das práticas educativas.

Reflexões finais

Concluimos este artigo com a reflexão de Temporetti (s/d. p. 12) na qual firma que: “Educador e educando devem ser pensados como o que são: uma unidade interrelacionada de componentes desiguais e assimétricos situados em

uma organização institucional conflictiva conformada em uma história social e cultural”.

O autor ressalta a necessidade de construir um *educando cúmplice*. Quer dizer, estudantes que se associam e se transformam em copartícipes “[...] do projeto que formula o professor” que “[...] coopera e acompanha ao educador”. Temporetti também se refere ao *educador aberto, ou seja, o docente que* não está fechado em suas ideias quando expõe, narra ou propõe atividades, produz conhecimento ou soluções para problemas; um educador para quem não está tudo resolvido, que deixa espaços para a dúvida, a incerteza; um educador que desafia os educandos a participar.

Creemos que as reflexões desses autores (Temporetti, Tillman, Morin e Freire) abrem sendas para mudar a visão de educação, de relações entre pessoas, entre elas e o mundo. Em um âmbito complexo em todos os sentidos, romper os velhos padrões de educar é algo que temos que ter em perspectiva sempre. Bruner (1984, p. 121) afirma que cada cultura tem “[...]um sistema de técnicas para dar forma e potencializar as capacidades humanas. São os valores, os instrumentos, os modos de conhecimentos com que cada cultura equipa seus membros”. Visto de uma perspectiva planetária, compreendemos que, se caminharmos pelo campo do diálogo, da cooperação, da aceitação e da compreensão, etc., teremos, então, valores seminais para potencializar nossas capacidades humanas. No âmbito da educação escolar, para as relações interpessoais que aí se tecem, esses e outros valores são férteis e vitais para convivências salutares, ainda que a escola seja um ambiente de constantes manifestações de conflitos.

Referências

BARROS, P. S; BARREIRA, L. C. Princípios para um mundo sustentável: a educação fundamentada em valores. In: MATOS, Kelma S. L. (Org.). *Cultura de Paz, ética e espiritualidade III*. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 157-170.

BRUNER, J. El lenguaje de la educación. In: LINAZA, J. L. (Org.) *Acción, pensamiento y lenguaje*. Alianza, Madrid, 1984.

FLORES, G. *El enfoque psicocultural de la educación de Jerome Bruner*. La Plata:Universidad Nacional de La Plata, s/d.

- FREIRE, P. *Pedagogía da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- JARES, X. R. *Pedagogia da convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2008.
- MATOS, K. S. L. *Juventude, professores e escola: possibilidades de encontros*. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.
- MORIN, E. *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.
- MORIN, E. *La cabeza bien puesta. Repensar la reforma. Reformar el ensamiento*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- TEMPORETTI, F. *De la escalera ascendente ala espiral recurrente*. Los procesos de adquisición de conocimiento, en la educación formal, en tiempos de textos e hipertextos. S/d.
- TEMPORETTI, F. *Educación y transgresión*. Conferencia en Congreso de Educación organizado por HomoSapiens. Rosario, 2005.
- TEMPORETTI, F. *Proceso educativo y malestar en las circunstancias actuales*. *Humus*, Santa Fe, v.1, n. 1, p. 89-102, 2007.
- TILLMAN, D. *Theoretical Background and Support for Living Values: An Educational Program*. Disponível em: <<http://www.livingvalues.net/pdf/lvTheoreticalBackgroundandSupport.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2015.